

Membro da VPR faz revelações sobre o esbanjamento do dinheiro dos assaltos

f de s paulo 12.11.70

O motorista de Carlos Lamarca na VPR ("Vanguarda da Popular Revolucionária") Joaquim dos Santos, vulgo Monteiro ou Antonio, fez ontem singulares afirmações ao Conselho Permanente de Justiça da 1.ª Auditoria de Guerra, declarando que adotara o terrorismo como meio de vida, pois gastava nababescamente e não prestava contas a ninguém.

Disse que não pertenceu à VAR-Palmares, pois sempre foi da VPR. De início, em 1965, era um dos componentes do grupo dirigido por Onofre Pinto, do qual faziam parte José Ronaldo Tavares de Lira e Silva, Pedro Lobo, um tal de Celso, preso em Goiás, José Nonato, Diógenes José de Carvalho, José Araújo da Nobrega, Antonio Raimundo Lucena, Damaris, esposa de Lucena, o pai de José Araújo da Nobre, um elemento alcunhado Valde-mar e ele.

Viajou para Culabá a fim de manter contatos com elementos cassados, por determinação de Onofre Pinto, levando a importância de 7 mil cruzeiros, que a eles se destinavam, e foram entregues a um elemento chamado Ivan.

Em 1968 a POLOP juntou-se ao grupo de Onofre Pinto, com seus elementos Wilson Egidio Fava, Renata Ferraz Guerra de Andrade, Valdir Sarapu e outros, surgindo a VPR, organização à qual se filiou logo o grupo de Antonio Carlos Spinosa. O declarante era apenas tafeiro da organização, e não participava das discussões políticas e nem das decisões sobre os métodos de ação. Era apenas um assalariado da subversão.

Viagens

Frustrado o assalto à agen-

cia do Banco Brasileiro de Descontos em Vila Anastácio, foi para Ubatuba, na casa de Carlos Figueiredo de Sá, elemento que por duas vezes manteve contato com Onofre Pinto.

Depois voltou e, em companhia de Onofre Pinto, "Roberto Gordo", Pedro Lobo, Yoshitane Fugimore e outros, participou da tentativa de furto de armas na 4.ª CR A 14 de outubro de 1968, aqueles elementos, mais Diógenes José de Carvalho, Ariston Lucena e ele, participaram do assalto à agência Iguatemi do Banco do Estado de São Paulo, quando se apropriaram de 180 mil cruzeiros, entregues a Raimundo Antonio de Lucena.

Em dezembro de 1968, procedeu ao levantamento da casa de armas Diana, tendo tomado parte na ação que culminou com o roubo de farto armamento. Em fevereiro de 1969, verificaram-se as prisões de terroristas em Itapeceira da Serra, quando pintavam um caminhão com as cores do Exército para assalto ao 4.º RI. A 24 daquele mês Carlos Lamarca processou essa ação e as armas foram entregues a Carlos Marighela, então chefe da ALN, havendo sério desentendimento entre Lamarca e Marighela porque este se recusava a devolver as armas só o fazendo posteriormente em parte.

Compra de terras

Na ocasião, o declarante recebia ordens e mantinha entendimentos com Shizuo Osawa, vulgo "Mario Japa", que lhe deu ordens para tirar carta de motorista. Depois, em viatura da organização, foi encarregado de executar

viagens para Goiânia e Mato Grosso, a fim de comprar uma área de terra que seria campo de guerrilheiros. O declarante não conseguiu localizar a área, e quando voltou a São Paulo, a organização já havia adquirido uma outra em Jacupiranga, por intermédio de Celso Lungaretti, que usou identidade falsa para a transação. Como motorista da organização, conduziu Lungaretti, Yoshitane e Massafumi, assim como armas e material bélico, para a região de Jacupiranga, passando a ser uma espécie de motorista particular de Carlos Lamarca. Por ordem de Lamarca, nas cercanias de Jacupiranga, comprou outra área por 40 mil cruzeiros, para treinamento de guerrilhas, e para esse local transportou Carlos Lamarca, José Lavechia, Yoshitane, Darci Vieira, Iara Iavelberg, José Raimundo da Nobrega e outros, que só conhece por apelidos, inclusive um médico.

Depois, transportou Ladislau Dowbar e "Lia" para uma reunião com Lamarca. Um dia depois do sequestro do consul do Japão, trouxe Lamarca e Lavechia para esta capital, pois Lamarca tinha sido encarregado de chefiar aquele sequestro, mas já o encontrou realizado. Lamarca só retornou a Jacupiranga depois do resgate do consul. Aí recebeu nova incumbência. Deveria conduzir Joaquim Camara Ferreira para Jacupiranga, pois este discutiria com Lamarca a possibilidade de uma aliança entre a VPR e a ALN. A reunião realizou-se, ignorando o que foi tratado, mas trouxe "Toledo" de volta para São Paulo. No dia 12 de abril, Lamarca regressou

de Jacupiranga para esta capital, mantendo contato com Ladislau Dowbar. Soube que a conversação dizia respeito a uma reunião geral das organizações terroristas, e nesse sentido o declarante manteve diversos contatos em vários Estados. A reunião foi realizada, e prolongou-se por dois dias, ocasião em que Lamarca também manteve contatos com o ex-major Castor da Nobrega.

Preso

No dia 18 de abril, voltou para Jacupiranga, e quando almoçavam num restaurante da estrada, quase foram presos pela Operação Bandeirantes. Desconfiaram de uma perua que chegara com antena de rádio muito potente, e fugiram pelos fundos sem maiores tropeços. Na volta de Jacupiranga, quando veio a esta Capital sozinho, por determinação de Lamarca, foi preso em companhia de Ladislau Dowbar.

Na Operação Bandeirantes, denunciou o reporter Nelson Gato como informante da organização. Quer retificar isso agora, esclarecendo que conhece o jornalista há muito tempo, e que jamais soube que o declarante pertencia a uma organização terrorista. As ligeiras informações que obteve dizem respeito a uma ou outra prisão, isto mesmo através de conversa normal. Salientou que seu ordenado na organização era ilimitado. Gastava o que queria e não prestava contas a ninguém. Determinada ocasião, levou 8 mil cruzeiros à esposa do ex-deputado federal José Maria Crispim, a fim de que esta visitasse o marido na Itália.